

Quadrante II

M 525
Radio 16.6.62
RN 295

Libro: "Ree de Primavera"

Olhe Ali Uma Toutinegra

RUBEM BRAGA

(DE um caderno do Marrocos, 1962) — Um embaixador mais... embaixadoral não gostará desta embaixada; não tem aquêlê ar solene, aquêles salões imensos da embaixada de Madri, ou Buenos Aires, ou Santiago, não é palácio nem palacete. E' uma casinha moderna, feita por um razoável arquiteto suíço sem muita imaginação, mas com senso de confôrto, e que teve o mérito de poupar uma árvore que havia no terreno e dá graça a tudo. Não sei o nome da árvore que, honrando a primavera, está florida êstes dias; não é sensacional, pois as flôres são brancas esverdeadas; será uma acácia ou uma mimosa, não sei. Sei nome de poucas árvores.

Mas o que me incomodava era não saber o nome dos passarinhos; isso me incomodava. Passarinho é uma coisa viva, colorida e móvel, ruidosa e com temperamento, feito mulher. Você de repente vê uma mulher bonita; leva aquêlê choque; mulher bonita incomoda, faz a conversa da roda ficar sem sentido, as pessoas pensando uma coisa e dizendo outra; mulher bonita é sempre uma perturbação. Mas se você sabe o seu nome, pelo menos fica mais aplacado, menos desprevenido diante do mistério da beleza; ela deixa de ser uma aparição, entra na vida civil, é afinal uma pessoa como as outras, capaz de ter um irmão bêbado e um mau funcionamento de rins; enfim, deixa de ser deusa, é uma cidadã — pelo menos até certo ponto.

Passarinho também me dá vontade de perguntar — «quem é, como se chama?» — pois, uma vez sabendo o nome, a gente fica mais à vontade perante o passarinho, tem uma ilusão de ter de certo modo quebrado essa distância infeliz que há entre o ser humano e o passarinho.

O pior é que, vendo e ouvindo êsses passarinhos estrangeiros, eu não podia deixar de sentir que o estrangeiro era eu — o bárbaro, o intruso, o que não sabe o nome das pessoas da terra. Vinguel-me escrevendo a uma querida amiga: «aquí há muitos passarinhos e tôda manhã cantam, mas é uma pena, cantam em puro árabe...»

Agora estou mais reconciliado; já disse que há sabiás; naturalmente há também pardais e andorinhas. Com o «Guia de Campo de las Aves» em punho, descobri que aquela cambaxirrinha que saltita na moita pode ser chamada de carriga, embora tenha o nome feroz de *traglodytes*; o pássaro preto de bico amarelo é o melro legítimo, aquêlê do Guerra Junqueiro, o *turdus merula*, ruidoso e jovial, irmão preto do sabiá, primo do nosso «vira» e da nossa graúna; uns outros côr de canário-da-terra, porém mais cheios de corpo, são verdilhões; aquêles dois pardos, um de cabecinha côr de ferrugem, que ora fazem «tec-tec», ora gorjeiam bonito, ah, êsses eu já conhecia de nome, de velhos romances, e tive o maior prazer em lhes ser apresentado: são um casal de toutinegras. E um casal sério, pois, ao contrário de tantas outras aves, o macho é que é mais sóbrio, tem a cabecinha escura, enquanto a fêmea chama mais a atenção com seu boné vermelho. Infelizmente até hoje um dêsses ainda não apareceu quando tenho visita de brasileiro em casa. Estou esperando, só para ter o gôsto de dizer, com um ar muito natural, como se desde menino eu não conhecesse outro bicho: «olhe ali uma toutinegra...»

Nesse dia, sim, eu me sentirei dono da minha casa e do meu quintal, merecedor de ouvir pela manhã, sem remorso, a cantoria dos passarinhos.

DN 19.7.62

312